

CARLOS ALBERTO MURAD



Linhas estelares e traçados do pensamento criador

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão poética multidimensional da criação, envolvendo as contaminações dos conceitos filosóficos, as ideações criadoras e poéticas dos artistas. Propõe pensar a presença das instâncias racional e imaginal na ativação e no desenvolvimento das poéticas visuais na contemporaneidade.

O pensamento de Gilles Deleuze, Gaston Bachelard, Jorge Luís Borges, Hiroshi Sugimoto, Walter Benjamim, Cecília Meirelles, entre outros, ajudaram-nos nessa travessia.

PALAVRAS-CHAVE

Bachelard; Deleuze; Borges; Sugimoto; fotopoética.

LINHAS ESTELARES E TRAÇADOS DO PENSAMENTO CRIADOR•

Apresentação

Num cárcere profundo e de pedra, separados por um muro, coabitam um mago e um “jaguar que mede com secretos passos iguais o tempo e o espaço do cativeiro”. O mago de Borges¹ nos conta que seu Deus escreveu no primeiro dia da criação uma mensagem sobre as desventuras do final dos tempos. Uma escrita incógnita confiada “à pele viva dos jaguares, [...] Imaginei essa rede de tigres, esse quente labirinto de tigres, causando horror aos prados e aos rebanhos para conservar um desenho”.² Um desenho à flor da pele que nos recoloca continuamente nesse tempo sem medida e origem da criação. A insolúvel busca mágica do mago, mágico animal habitante da eternidade do instante, por essa escritura desenhada, encontra eco no pensamento poético de João Cabral de Melo Neto³ ao lembrar que “o sol do deserto não choca os velhos ovos do mistério”.⁴ Essas incontáveis areias que se movem tecendo histórias e lugares, num deslocamento fluido nos meandros dos mistérios de um tempo sem medida. O olhar fabula e o movimento desse olhar criador é paisagem.

Estamos imersos na mista ansiedade de entender o pensamento-artista na criação de projetos artísticos e na reflexão da intercessão conceitual-prática de trabalhos realizados por artistas-pesquisadores. Sem a pretensão de uma proposta metodológica, propomos uma discussão introdutória envolvendo algumas variantes e fenômenos que transpassam e envolvem o pensamento criador pela filosofia, pela poesia e pela arte. Somos especialmente atraídos pela investigação dos fenômenos da criação fotopoética envolvendo a fotografia apropriada por artistas e fotógrafos. Essa discussão vem tonalizada da fascinação pessoal pelas luzes do olhar.

Podemos, com Danto⁵, exercer a provocação de pensar os deslocamentos e processos criadores da arte não mais inseridos nas narrativas históricas da arte. A compreensão da complexidade e especificidade da *episteme* da arte se desloca para o campo da abstração do pensamento.

Nesse contexto, todos perdemos a ilusão de imaginar a criação artística e sua reflexão desenrolando-se numa superfície lisa e homogênea. Melhor pensar na noção de um caosmos criador apontado por Deleuze e Guattari⁶ não mais um mundo

• Para a realização desta pesquisa, o autor teve apoio da Faperj e do CNPq.

¹ BORGES, 1998.

² *Ibidem*, tomo I, p. 664.

³ MELO NETO, 2003.

⁴ *Ibidem*, p. 88.

⁵ DANTO, 2000.

⁶ DELEUZE, GUATTARRARI, 1992.

coerente e centrado numa subjetividade soberana, mas um caos compreendido como uma zona dinâmica e plasmadora de devires. Com a ressalva de que “a arte e a filosofia recortam o caos e o enfrentam, mas não é o mesmo plano de corte”⁷ ainda que se atravessam um no outro como distintas realidades de pensamento e criação.

Dessas realidades, Deleuze⁸ irá afirmar que só os filósofos possuem a prerrogativa da criação dos conceitos, já os artistas criam, pela via de seus trabalhos, afectos e perceptos, típicas ideações de um pensamento-artista. A diferença é que “a arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos” pontua Deleuze⁹, afirmando uma lógica da sensação. Uma lógica que centra na sensação, e não fora dela, toda a potência do pensamento criador.

Numa re-composição de versos de João Cabral para expressar nuances do ato poético podemos, fiéis as suas palavras, dizer:

... um tempo claro
como a fonte
e na fábula.
No castiço linho
do meio dia
dobras da alva distração
como uma lâmina
depara o acaso.
No exercício puro do nada
Um tempo se desdobrou do tempo.¹⁰

Entender as fabulações e os traçados do pensamento criador incorpora a lucidez de uma aparição espontânea das imagens livres em um tempo proliferado. Encontramo-nos face a Bachelard¹¹ e sua fenomenologia da imaginação criadora e da imagem poética. A constituição e dinamização de uma lógica imaginal no tratamento da criação poética e artística. Nessa abordagem, as imagens poéticas norteiam a criação e a reflexão do poeta ou artista. Trata-se de imagens não figurais de natureza imprevisível, acausal e, por iso, desvinculadas da experiência sensível ou da replicação direta dos fatos da memória. Surgem em nossa consciência imaginante não como estruturas representacionais, mas como dinâmicas de “conceitos imagéticos”.¹² Os vetores dessa dinamização imagética desvelam as nuances do pensamento criador e assim substancializam as inferências da cogitação poética. A resultante dessa dinamização se funda na constituição fluida de uma linguagem imagética em “uma consciência cintilante” operando, segundo Bachelard, numa “espécie de *cogito* múltiplo”.¹³ Sintetizando, trata-se de um pensamento que privilegia a repercussão das imagens poéticas, a evasão criadora do devaneio e a cogitação imaginante.

⁷ Ibidem, p. 88.

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem, p. 88.

¹⁰ MELO NETO, p. 92-93.

¹¹ BACHELARD, 1957; 1960.

¹² Idem, 1942, p. 69.

¹³ Idem, 1960, p. 131.

Bachelard todavia, não descarta o poder de evasão imaginal das ideias e conceitos.¹⁴ A imaginação, devido à radicalidade do seu poder de evasão, perpassa todas as instâncias do ser. Atravessa a razão, sem a submeter ou substituir, e “trabalha no plano das ideias” recupera aí as imbricações e ativações que participam da criação racional. Porque “existem ideias que sonham, [...] certas teorias científicas são de vastos devaneios, de devaneios sem limites”,¹⁵ o que seria previsível diante da multiplicidade de abstrações do espírito envolvidas na criação humana. Seriam a ideias-sonhos, evasões do espírito racional que se reúnem em ideias-visões,¹⁶ emanações lúcidas dos devaneios anagógicos de nossa racionalidade. Devaneios que buscam, pelo pensamento, levar a ideação conceitual ao extremo de sua potencialidade de elucidação do ainda indeterminado.

Aqui nos interessam a compreensão e a constituição desse cogito múltiplo em sua dinamização das multi-ideações que não enclausuram, e sim atravessam o campo e extracampo da arte. Nosso objetivo é o de conduzir o debate por uma reflexão poética multidimensional da criação, deixar confluir as contaminações dos conceitos filosóficos (numa compreensão direta, não filosófica da filosofia),¹⁷ e as ideações criadoras das imagens poéticas, afectos e perceptos.

A ideia é experimentar nossa consciência cintilante de modo nebuloso, operando a fluidez da cogitação racional, imaginal e poética numa espécie de *constelação estelar* dessas mesmas ideações. Onde, sem hierarquia e continuidade, possamos cogitar as contaminações conceituais e imagéticas, buscando a superação das narrativas sequenciais de nossa ontologia. Cogitar numa dinâmica multiestelar nos parece ter o mesmo sentido encontrado no *modus operandi* do artista Cildo Meirelles. O artista nos propõe adotar o comportamento de um caçador de relâmpagos: buscar a provocação iluminadora do processo criador neste “[...] primeiro momento de qualquer fato que te desperte a atenção. Te emocione, te intrigue, que é indefinido, que não tem contornos”. Mover-se em uma silenciosa solidão, no leve desenho do devaneio, na repercussão das imagens, tocando lentamente o limiar do pensamento. Aproximarmo-nos tal qual Cecília Meirelles, buscando a fluida densidade da palavra:

14

BACHELARD, 1957.

15

BACHELARD, 1957, p. 111.

16

Ibidem, p. 112.

17

DELEUZE, 2004, p. 203.

18

MEIRELLES, 1993, p. 566.

Abriu-se a janela
Que existia no ar.
Ninguém viu pousar
Qualquer sombra nela.¹⁸

Colocar nossa consciência no céu desse *cogito* móvel e múltiplo, típico da imprevisibilidade das imprevisíveis dinâmicas do pensamento criador. Nossa esperança é o exercício dos potenciais de descontinuidade, espontaneidade e negação da reflexão

imaginal, é poder dar conta da complexidade e da fragmentação dos fenômenos envolvidos nos devires da arte.

Construir uma reflexão em um *cogito* múltiplo sobre a fotografia na arte, contaminando-a com as repercussões imagéticas desse tempo luminal que anima as coisas do mundo e se inscreve na dimensão fotopoética da arte. Mais do que a rigidez de uma outra sistemática, propomos ao artista-fotógrafo romper com o acolhimento do olhar e, assim, obliterar as derivações formais previsíveis.

O filósofo pensa longe o bem perto

Sabemos que Gilles Deleuze e Gaston Bachelard constituíram linhas distintas de pensamento filosófico no tratamento da criação artística e poética. Preservando essas diferenças, acreditamos na pertinência de uma aproximação poética dessas mesmas linhas no tratamento dos processos criadores.

Para Deleuze,¹⁹ os artistas visam, por meios diferentes, produzir e não reproduzir a semelhança, buscando “sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga”. Linhas que atravessam o meio das coisas nesse *entre* pleno de segredos e desejos da criação-vida. Relembra ainda “essa faculdade de partir a linha, de mudar a orientação, de se reencontrar em alto mar...”,²⁰ como uma provocação presente no processo criador do pensamento de Foucault tal Leibniz e a sua provisória certeza de não existirem portos seguros, e sim novas questões lançando de volta ao imponderável. Numa compreensão do papel do artista (e do filósofo) como participante nas dimensões múltiplas do tempo, eles que se constituem numa lógica da sensação.

Sob outra perspectiva, Bachelard pergunta: “mas não somos nós mesmos um maço mal atado de um milhão de outros tempos?”²¹ Temporalidades que têm o caráter de uma proliferação imagética pontuando “com um traço forte a dinâmica de nosso ser, os dinamismos múltiplos de nosso ser?”²²

Falamos de imagem e processos criadores como diferenças que se afirmam na dimensão racional ou imaginal da ontologia criadora. Assim, se nos deslocamos na direção de Deleuze,²³ aprendemos que o conceito, obra da criação racional do filósofo, é uma imagem do pensamento. Se oscilamos na direção de Bachelard, aprendemos que na criação artística a imagem constitui uma dinâmica descontínua, acausal e variacional, um devir-imagem do poético na nossa ontologia.

Em ambas as abordagens, seria ilusório pensar na unidade e na fixidade de ser, somos seres atravessados pelas permeabilidades das sensações e das imaginações. O desafio é o de como operar essas múltiplas camadas e velocidades das dimensões conscientes, movimentando-se num ser criador, em processo de instauração da arte. Pensar uma lógica enriquecida, contaminada pelas ideias dos artistas, como

¹⁹ DELEUZE, 2004, p. 176.

²⁰ Idem, 1992, p. 130.

²¹ BACHELARD, 1992, p. 48.

²² Ibidem, p. 48.

²³ DELEUZE, 1992.

sugere Sol LeWitt: “artistas conceituais são mais propriamente místicos do que racionalistas. Eles chegam a conclusões que a lógica não pode alcançar”.²⁴ Artistas operam as ideias criadoras em uma consciência multirradial perseguindo esses “devires não-humanos do homem”, essas “paisagens não humanas da natureza”.²⁵ Eles não ocupam diferentes estados, apenas apresentam resultados distintos. Deve ter o sentido apontado por Benedito Nunes²⁶ da utilização pelos poetas da filosofia ao avesso, ao comentar a ligação do pensar poético e do pensar filosófico. Eles ensinam aos filósofos a criar nos becos sem saída do pensamento, nos limites da racionalidade, nas contaminações de sua irracionalidade.

Novamente, relembremos Deleuze²⁷ nos falando das potências criadoras do afecto, percepto e conceito como inseparáveis e que atravessam indo e voltando da arte à filosofia. Fazem o pensamento voar: “são necessárias essas três asas pelo menos para fazer um estilo, um pássaro de fogo”.²⁸ Estilo, escritura criadora do texto filosófico no sentido deleuziano, tem o valor de levar a língua na borda a “criar uma língua na sua própria língua”.²⁹ Sua escrita filosófica poetiza um pássaro imaginário, revelando uma contaminação de seu pensamento pela dinâmica autopoietica da Fênix, esse élan imagético, expressão da aparição do poético na consciência humana, como aponta Bachelard.³⁰ Num instante intenso de universo, onde nascer-morrer perdem consistência, podemos pensar o ato *feniciano* como uma sublimação absoluta das variantes e dos paradoxos do processo criador.

Também cintila em Borges³¹ o desejo poético de que deveríamos viver a mutação da palavra e da linguagem no instante simultâneo de sua materialização, uma recusa à fixação temporária e devoradora aposta pelos sentidos pragmáticos. Uma linguagem que, no momento de sua aparição, já é criação de um ser que se torna palavra poética. Como pontua Nunes,³² lembrando Heidegger, as palavras não são recipientes, e sim mananciais, fluxos germinais. Mas também a palavra cogita, dirá Bachelard,³³ propondo-nos a experimentação poetisadora da filosofia do imaginal em estado de linguagem vivente, vida *in actu*. Essa condição do “eu poetisador” bachelardiniano não é a de um comentador da linguagem poética, e sim o do experimentador de uma “abertura consciencial”.³⁴ Na mesma direção vai o desejo de Deleuze,³⁵ ao louvar o pensamento de Foucault, pegar “as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, [...] mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de ‘a atualidade’”.

Relembremos que, na abordagem de Bachelard, a cogitação criadora da imaginação poética constitui o ambiente das conjunções entre os dados e os fenômenos oriundos de outras dimensões da consciência. Uma imaginação que não se constitui como um arquivo de imagens *a priori*; ao contrário, presentifica-se como uma espontânea dinâmica imagética de uma inconsciência do irreal. Atua sem limites e previsibilidade, seu destino é a infinitude das dinâmicas da imagem criadora,

²⁴ FERREIRA, 2006, p. 205.

²⁵ DELEUZE, 1992, p. 220.

²⁶ NUNES, 2007.

²⁷ DELEUZE, 2004.

²⁸ *Ibidem*, p. 205.

²⁹ ABÉCÉDAIRE, 1988.

³⁰ BACHELARD, 1990.

³¹ FERRARI; BORGES, 2009.

³² NUNES, 2007.

³³ BACHELARD, 1943.

³⁴ BACHELARD, 1960, p. 4.

³⁵ DELEUZE, 2004, p. 109.

e não sua figuração. Reencontra-se na compreensão deleuziana do papel criador do inconsciente, este se caracteriza como uma usina de fabricação de imagens.

Na dinâmica de uma reflexão multidimensional, dilacerar as palavras ou ultrapassar as formas constituem modos de pensar o imprevisível devir da arte.

Pensamento imagético e poetização

Em seu pensamento criador, Rimbaud associa o desejo de poetizar à alteração dos sentidos em suas evidências, no acesso a uma condição outra pela vidência do incomum. Essa condição visionária, sem qualquer valoração esotérica ou divinatória, vem marcada por um desejo de evasão além do visível. Os poetas parecem ter uma predileção especial em ver nos olhos amados cintilações de um universo de luzes, a movimentação de linhas estelares criando nebulosas. Parecem ser os primeiros testemunhos da abertura primordial de uma natureza mundo (acho que falta alguma coisa. Não, é isso mesmo, pode acreditar...). Perder-se nos brilhos das luzes do olhar nos leva às incertezas de um pensamento fabulando num longínquo impalpável. Ou antes, o poeta quer se fazer visionário, mas visionário, diz Deleuze,³⁶ “é quem vê no cristal, [...] o jorrar do tempo como desdobramento, como cisão”, as imagens indiscerníveis do tempo nos limites do passado e do futuro que se anunciam. Que venham as dúvidas e os desejos, pão nosso de cada dia, colocando-nos num tempo abismal. Talvez colocar nossa ontologia, entre a iluminação do suprassensível e a especulação racional, nessa dimensão intermediária entre o sensível e o inteligível do *mundus imaginalis*,³⁷ como nos ensina o místico sufi Ibn,³⁸ onde “o espírito emana da matéria e as cabeças desprendem dos seus corpos”. Compreender que o mistério pulula dentro da fascinação da arte nos possibilita pensar com os criadores o irrepresentável da arte, ou a devanear o imaginal de um representável. Um ou outro nos levam a tocar nas fímbrias do mistério da criação de mundos. Mesmo diante dessa imponderável infinitude, o pouco que podemos almejar é uma reflexão multidimensional da arte, levar o pensamento além do conhecimento racional, bordejando com imprudência as bordas das ideações imaginais. Talvez proliferando nossas dimensões conscienciais no mesmo movimento oscilante do pensamento-artista ou da iluminação do *mundus imaginalis*.

A cabeça flutua no infinito e as estrelas tão próximas na contemplação do olhar poetizador parecem descer à Terra. Nessa alteração de distâncias, encontramos um tempo lumínico outro que escapa da nossa memória. Mas fiquemos com os poetas, esses que nos ensinam a encontrar no brilho luminoso das estrelas a mesma provocação milenar das luzes do olhar. Milenares dos primeiros fogos e seus assombros íntimos flamejam na provocação criadora do olhar. Move o brilho doce das estrelas nos seus movimentos de luz, essa que é a delicada carne que incendeia

³⁶ Idem, 1990, p. 102.

³⁷ CORBIN, 2000.

³⁸ ARABI apud CHITTICK, 1989, XXIII.

todas as imaginações. Tãntos quantos forem os infinitos caminhos do desejo de criar. Mas um desejo é sempre cifrado, envolve uma multiplicidade de fantasmagorias, vozes do silêncio, visões visionárias das luzes de um possível. Tal a criação do olhar poético que Rimbaud encontra em o “nacre voit” e a ideação conceitual de Bachelard de que, no mundo da luz, “tudo que brilha vê”.³⁹ Ambos levam suas ideações criadoras a uma proximidade fora de qualquer ordem temporal.

Poeta e filósofo nos ensinam a pensar com a experimentação metamórfica da linguagem poética da imaginação. Numa dinâmica de alteração dos sentidos comuns das palavras nos sentidos incomuns dos poemas. Mover-se na imprevisibilidade dos gestos imaginais do pensamento poético nos processos artísticos. Estar à deriva na turbulência e na imprudência da lógica imaginal para dar contas dessas ideações *irrealizantes*, ativando isso que teimamos em chamar de realidade. Tal a lógica criadora de Borges⁴⁰ ao retirar os sentidos ordinários da palavra lua, sua ideação poética nos ensina que “cada palavra é uma obra poética”. A palavra lua encontra o lunar, reverberação de um tempo luminal sem origem, de um tempo fora do tempo. Tal a alteração extra-ordinária do astronômico numa fabulação persa da palavra lua em “o espelho do tempo”, segundo a transcrição poética de Borges, revelando na luminosidade da impalpável matéria lunar um olhar criador na medida poética de uma eternidade. Borges aprende com Borges, no seu diálogo amoroso quando irá especular com as luzes dos olhos fotografados da indiferente Beatriz Viterbo. Que o leva a operar a passagem da vida como obra de arte na criação do Aleph. Esquisita e cristalina realidade, paisagem do desejo criada no labirinto de uma infinita biblioteca: “Fechei os olhos, abri-os. Então vi o Aleph”. Nesse instante, Aleph sob a forma de uma esfera luminosa de cristal, o poeta irá nos abrir a visão (fotopoética) dessa profusão de lugares e dimensões temporais. Uma coexistência sem superposição da visão do “inconcebível universo”. Nesse abrir os olhos de uma cegueira lúcida, o olhar criador de Borges nos introduz na dimensão poética de um “instante gigantesco” da aparição das imagens. A impulsão criante desse desejo ilumina e compõe essa dimensão poética da existência e da coexistência de múltiplas camadas de ir-realidade.

Em outro tempo e lugar Bachelard,⁴¹ surpreendido em sua contemplação de tracejamentos luminosos no céu, irá repercutir poeticamente um “pássaro de luz que marca um instante do mundo”, ampliando esse instante como pleno de universo. Um engrandecimento cósmico, mediado pela luz, como uma recorrência poética entre diferentes sensibilidades criadoras. Ambos nos falam de uma imensidão íntima construída pela aparição simultânea, sem superposição, de infinitos lugares e eventos cintilando na luminância de um feixe cristalino. Se escutamos Bachelard,⁴² encontramos a imensidão íntima, não como uma grandeza, e sim como o “movimento de um homem imóvel”. O Aleph coloca o paradoxo da proliferação de infinitas paisagens no visível, sem o prévio e ilusório conhecimento das coisas do

³⁹ BACHELARD, 1957, p. 48.

⁴⁰ BORGES, 1998, tomo III, p. 286.

⁴¹ BACHELARD, 1988, p. 58.

⁴² BACHELARD, 1957, p. 169.

mundo. Borges nos introduz nos meandros do pensamento poético ultrapassando a profundidade lógica do visível e as dialéticas da representação. Na mediação do fantástico pelo seu pensamento-artista, antecipa os múltiplos caminhos que assolam o desejo (criador) e tenta dar conta dessas aparições aninhadas, todas sem superposição num instante unânime de lugar e acontecimento. No brilho luminoso de olhos bem abertos, vivemos o paradoxo de (re)encontrar no íntimo as formas indistintas, essas meras figurações da lucidez de nosso pensamento criador. Ensina-nos a ignorar os sentidos eventuais e efêmeros com o qual nosso pensamento racionalista tenta se aproximar da tessitura poética da obra.

Num poema sobre o processo criador da gnose de Espinosa, Borges aproxima no mesmo gesto de depuração iluminadora a lapidação do mineral e o projeto filosófico:

Livre da metáfora e do mito
um cristal árduo lavra: é o infinito.⁴³

Mais que uma busca de um tempo e espaço ilimitados, Espinosa busca engendrar em filosofema um inapalpável (de uma essência divina ou cósmica) e Borges, em sua ideação poética, o acompanha, ensinando-nos a impulsão criadora do inimaginável, da eternidade de um tempo lunar. Tal os fotógrafos artistas transitando sob as provocações das camadas milenares do tempo luminal.

Esboçam-se nas luzes do nosso sonho ou desejo, sob a provocação das imagens poéticas, a instauração e a mediação de uma consciência cintilante (multiradial), a apreensão dos movimentos e fluxos que entreabrem, sem desvelar, nossa paisagem criadora em seu devir de uma paisagem-mundo. Aleph constitui a imagem dessa dinamização tempo-espacial se refundando continuamente. Faz-nos compreender a entrada na dimensão do poético, nesse encontro do incomum nas entrelinhas do comum. Isso que num pensamento-artista envolveu a livre oscilação e permeabilidade das potências conscienciais da ontologia criadora. Pensar o pensamento-artista, em sua aventura derivante nas multiplicidades de ser, sem ignorar as movimentações e as superposições entre as potências racionais e imaginais, especialmente, considerando a complexidade das poéticas artísticas no contexto contemporâneo.

Fotopoética e tempo luminal

Como separar na complexa e plural era contemporânea o interesse fotográfico de Jeff Wall pela luz da pintura de Delacroix da fascinante luz na paisagem de Paul Strand ou nos ambientes de Ralph Meatyard? Nas abordagens críticas, as diferenças marcam os sentidos das poéticas fotográficas, mas talvez deveríamos considerar que esses criadores não escapam da mesma subterrânea fascinação: da dimensão (meta)

43

BORGES, 1998, tomo II, p. 331.

física da luz. O lumínico não apenas provoca nossa consciência ocular a produzir memórias sob o visível, antes se constitui também como potência imaginal no devir-visível das coisas. Falar em lumínico incluiria essas virtualidades de um ante-visível e ante-ocular substancializando uma poética da (ante)visão.

Nesse sentido, a criação da fotografia surge como um sistema de representação que se funda na exaltação de uma inteligência ótica, na operação dos potenciais inteligíveis e imaginais da visão. Cria-se uma imagética baseada numa lucidez-do-cristalino que implica, ao mesmo tempo, uma memória perceptiva e uma (i)memória fantasmática conectando-se *in situ* na natureza... da luz. Introduce-se pelas distintas dimensões conscienciais uma lógica imagética fundada na transmutação de potenciais criadores do lumínico. O fotógrafo insere sua cogitação criadora nessa (onto) lógica a partir das valorações, das permeabilidades e das contaminações que o seu pensamento agencia.

Pensar ou criar a imagem fotográfica sempre implica o mesmo dilema: a inscrição nos olhos de um tempo milenar, de milênios e milênios de luz. É o que testemunha, poeticamente, a razão conceitual de Benjamin ao pressentir essa "... pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com o qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje...".⁴⁴ Aqui a consciência criadora reuniu poeticamente, na sua cogitação conceitual, o flamejante milenar e o iluminante do devir. No devaneio foto-poético do filósofo ou do fotógrafo, os olhos renunciam o reflexo de sua presença. Benjamin já intui latente na imagem fotográfica a dinâmica descontínua de um devir, a imagem não constitui uma cena-espelho onde se animam objetos e eventos à espera de uma apreensão do pensamento. Assim, o fotógrafo superando a ilusão dessa cena-espelho deve ultrapassar as luminosidades do mundo e ensaiar ver o inaparente, como ensina Bachelard, "na ambivalência do visto e do vendo".⁴⁵ A mesma busca que Cecília Meirelles tem diante do espelho do mundo:

Vejo e sou o meu olhar
É o mundo que me envolve?
ou sou contorno seu.⁴⁶

No mesmo dilema de Clarice Lispector pensando em seus devaneios na profundidade do "campo de silêncios e silêncios", desse "vazio cristalizado" do espelho, não encontra "... o vestígio da própria imagem...".⁴⁷ No especular poético, o olhar é sem figura; a imagem, inaparente. Também Éluard, na transparência do espelho, "suprimia o visível e no invisível se perdia".⁴⁸ Os poetas nos convidam à imprudência dessa visão sem figura, dessa transmutação dos sentidos. Que Bachelard chama de "visionário (voyant) puro"⁴⁹ e que associamos à sua formulação de sublimação pura, uma sublimação sem objeto. O que poderia nos ensinar essa passagem além dos olhos,

⁴⁴ BENJAMIN, 1986, p. 94.

⁴⁵ BACHELARD, 1942, p. 42.

⁴⁶ MEIRELLES, 1993, p. 573.

⁴⁷ LISPECTOR, 1999, p. 13.

⁴⁸ ÉLUARD, 1989, p. 11.

⁴⁹ BACHELARD, 1943, p. 159.

esta imagem cega na superfície luminosa? A imagem fotográfica no sentido poético constitui uma imagem cega da nossa visão. Tal como o poeta Octavio Paz⁵⁰ fala de uma iluminação sem imagem, de “uma luz cega” separando a sexualidade da imagem poetisadora, da iluminação que o nosso corpo alcança no erótico. E o que podemos dizer desse tocar háptico do olhar na luz do mundo? Tocar com os olhos, ou perpassar a luz, sentir o toque mínimo da imagem espelhar são gestos que se confundem na cósmica fascinação das primeiras luzes e olhares no mundo.

Uma fascinação que percebemos em alguns projetos conceituais de Hiroshi Sugimoto. Como, por exemplo, em suas séries fotográficas, entre elas *Seascapes* (1980), na qual, pelo viés dessa “mais antiga impressão humana”,⁵¹ coloca-nos face a essa primordialidade luminal.

Tocado na sua imaginação pela infinitude do oceano, recupera a lembrança inaugural do seu “primeiro encontro com o mar”.⁵² O fotógrafo lida com os devaneios das primeiras cosmicidades, essas que Bachelard aponta como responsáveis pela permanência e ativação na alma humana de uma “infância imóvel mais sempre vivificadora, fora da história”.⁵³

Assim, Sugimoto, em sua evasão imaginal, nessa cosmicidade primordial da visão, revela, na sua série *Seascapes* (1980), uma iluminação imagética íntima, ativando suas ideias em affectos. Como testemunha para Kellein, “eu estava meio acordado quando tive a visão clara de uma nítida linha de horizonte, uma borda do mar muito calma, sem nuvens e um céu muito brilhante”.⁵⁴ As palavras do fotógrafo indicam as nuances poéticas da sua cogitação imaginal, e não as possibilidades figurais da representação fotográfica. Será preciso a mediação de outras variáveis no “rachar essas palavras” ou “deformar as primeiras induções formais” para objetivar a obra em sua inscrição no real. A meditação imaginal de Sugimoto nos indica um caminho: uma nítida linha corta a calma de um plano quase imaterial. O fotógrafo se utiliza da dissolução das aparências pela repetição obsedante de centenas de imagens compostas apenas de céu, mar e uma linha de horizonte exatamente na metade do quadro, sem a presença de outros elementos naturais ou artificiais. A fotopoética de Sugimoto e a filosofia de Bachelard⁵⁵ reúnem-se no mesmo encantamento do “desaparecer na água profunda ou desaparecer num horizonte longínquo”. Bachelard aponta nessa associação da profundidade com a infinitude tanto o potencial de substancialização poética da evasão imaginal como a inescapável ligação cósmica da ontologia humana. Mas olhos são sempre toques ao longe, fabuladores que nos ensinam a desmaterializar e miniaturizar. Olhos lidam com as densidades, ensinam-nos os criadores, na evasão imaginal olhos não veem, apenas sobrevoam. No *mundus poeticus* desse horizonte, o espaço constitui uma maleabilidade temporal.

Sugimoto vê claro nessa poetização do horizonte o apagamento da visibilidade da visão: “eu quero que as pessoas mergulhem dentro das minhas fotografias”.⁵⁶

50
PAZ, 1999, p. 32.

51
CONTACTS, 2000.

52
KELLEIN, 2004, p. 285.

53
BACHELARD, 1957, p. 85.

54
KELLEIN, 2004, p. 285.

55
BACHELARD, 1943.

56
KELLEIN, 2004, p. 285.

Mergulhar é se dissolver nessa ambivalência luminal (ar-agua). O que importa ao olhar de um fotógrafo é ver, aqui pela impregnação (e não dominância) cósmica desse tempo luminal. Insiste o olhar criador em ver na extra-dimensão que se abre além dos limites temporais ou espaciais como na série *Theatres* (1976). A concepção se origina no pretexto prosaico de “um retângulo muito brilhante irradiando fora da tela, brilhando em toda a sala do cinema. Ver essa visão poderia ser muito interessante e misterioso, religioso de uma certa maneira”.⁵⁷ Sua câmera condensa a totalidade da projeção fílmica numa imagem única, busca nessa extensão luminosa limar as representações e figurações do fílmico. Mergulhamos com o olhar fotopoético de Sugimoto, adentrando na extrema saturação temporal, e temos a possibilidade de experimentar a imagem cega de nossa visão. Estamos além das aparências, num tempo luminal emergindo da mais antiga profundidade do mundo, nas franjas misteriosas do impalpável, tal uma esotérica emanação. Como nos diz no seu projeto, “o conceito e a visão nascem juntos”,⁵⁸ aponta o valor da síntese dual de diferentes vislumbres criadores de sua consciência, nessa imersão do seu olhar criador no interior dessa sala escura. Falar em lumínico incluiria essas virtualidades de um ante-visível e ante-ocular substancializando uma poética da (ante)visão. Seu olhar em devaneios na obscura câmera nos coloca na antevisão do limiar da aparição da imagem. Sugimoto quer nos aproximar da infinitude onde o espaço e o tempo se confundem.

Dúvidas inconclusivas

Tentamos apontar vias de reflexão dessa superposição conceitual e poética no pensamento criador. As antevisões ou sentidos da concepção do artista em seu processo criador movem-se no imponderável da sua atual era poética. De um lado temos um poético que se apresenta numa pós-modernidade complexa, fluida, praticante da afirmação das diferenças. Na outra margem, lidamos com um poético se realizando numa sublimação absoluta, sem origem ou objeto, essa que desaparece com os sentidos prévios e precavidos, de um tempo-espaço conformado. Mas literalmente suspenso porque se bifurcando e atravessando, distintas e múltiplas dimensões temporais. Superando os limites das nome-ações, sem buscar a origem essencial (ou permanente) das coisas. Entretanto, ir além significa re-criar o nomeado. Descontinuamente, reapresentamos nossas reações face às aberturas do mundo. Assim, conceito criação dos filósofos, imagem poética dos poetas, afectos e perceptos dos artistas constituem distintas compreensões da transmutação criadora.

Em se tratando de textos sobre trabalhos de arte, especialmente de artistas-pesquisadores, a intenção foi a de encontrar a densidade sutil dos conceitos, suficiente e substancial para tecer a trama sem perder-se nas nuvens da pura especulação intelectual. Um discurso sobre a arte sempre será uma narrativa de uma lógica outra.

57

Ibidem, p. 285.

58

CONTACTS, 2000.

Talvez devamos experienciar uma reflexão “sentindo a cabeça solta do pescoço” e pensar com as iluminações múltiplas do sensível. Um inteligível sensibilizado e um sensível cogitante coligando-se. Em tensão sem cisão, sem domínio. As noções apresentadas confirmam os ilimites e o alcance tênue da discussão prático-teórica do artista, artista-pesquisador.

Vejo o brilho pleno da lua nos olhos da mulher amada, olhos ridentes que me fazem viajante descobrindo, como Borges, “a lua no poente e com a lua a álgebra estelar”.⁵⁹ Encontro-me, nos olhos, transparente nessa infinitude luminal. Como decifrar, nos criadores visuais, este ambivalente estado de “íntimo e infinito”, da mutuação do lumínico e do *olhante*?

Nesse Sul sem Norte dos poetas, tempo e espaço são virtualidades mágicas da alma criadora, ao cessar a luz, findam-se os espelhos.

REFERÊNCIAS

ABECEDAIRE de Gilles Deleuze. Direção: Pierre-André Boutang et Michel Pamart. Entrevista: Claire Parnet. Música: Jean Maini. Montagem: Niedjam Sialom. Mixagem: Jacques Pietrobelli. Paris: Ed. Montparnasse, 1988. 1 DVD, widescreen, color.

BACHELARD, Gaston. *La Poétique de la Rêverie*. Paris: P.U.F., 1960.

_____. *La Poétique de l'Espace*. Paris: P.U.F., 1957.

_____. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *La flamme de la chandelle*. Paris: P.U.F., 1961.

_____. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris: José Corti, 1948.

_____. *L'Air et les songes*. Paris: José Corti, 1943.

_____. *L'Eau et les rêves*. Paris: José Corti, 1942.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORGES, Jorge Luís. O Aleph. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1998. (Vol. I, II, III).

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

CAMPANY, David. *Art and photography*. London: Phaidon, 2004.

CHITTICK, C. William. *The Sufi path of knowledge*. Albany: State University of New York Press, 1989.

- CONTACTS. 1, 2, 3. The world's greatest photographers reveal the secrets behind their images. Produtor: Thierry Garrel. Paris: Arte France- CNP, 2000. 1 DVD, widescreen, color.*
- CORBIN, Henry. L'Imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabi. Paris: Aubier, 2000.*
- DANTO, Arthur. L'Art contemporain et la clôture de l'histoire. Paris: Seuil, 2000.*
- DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 1990.*
- _____. *O que é filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1992.*
- _____. *Conversações. São Paulo: Ed 34, 2004.*
- FERRARI, Oswaldo; BORGES, Jorge L. Sobre os sonhos e outros diálogos. São Paulo: Hedra, 2009.*
- FERREIRA, G. Cotrim (Org.). Escritos de artistas anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.*
- LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.*
- MEIRELLES, Cecília. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1993.*
- NUNES, Benedito. Hermenêutica e poesia. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.*



CARLOS ALBERTO MURAD

Fotógrafo, professor titular da UFRJ, coordenador do Grupo de Pesquisa Fotopoética, docente permanente do PPPGAV-EBA-UFRJ e do PROURB-FAU-UFRJ.